

Transferência ameaça Ginecologia

“O HU NÃO TEM INFRA-ESTRUTURA SUFICIENTE PARA NOS RECEBER EM CONDIÇÕES IDEAIS”, AFIRMA VICE-DIRETOR

Sexta-feira. Ambulatório do Instituto de Ginecologia. Pacientemente um grupo de mulheres espera a sua vez para o atendimento. Mais à frente outro grupo aguarda para fazer a matrícula na Instituição. As pacientes se surpreendem quando se discute a possibilidade de uma transferência para o Hospital Universitário (HU), na Ilha do Fundão. O Instituto está instalado na Rua Moncorvo Filho, nas proximidades do Campo de Santanta.

Gente simples e digna que confia nos profissionais e no serviço prestado. Afinal, o Instituto é centro de referência, principalmente na prevenção e no tratamento do câncer feminino, para a região do Grande Rio e de muitos municípios do Estado. A clientela da Ginecologia – 250 mil matriculadas – não sabe da guerra travada na UFRJ entre a Reitoria e três unidades hospitalares (Instituto de Neurologia, Instituto de Doenças do Tórax e Instituto de Ginecologia) sobre o plano de transferência para o HU. Uma decisão que pode alterar e muito a vida clínica de cada paciente. Mas se em termos assistenciais o principal prejudicado é o povo, o ensino e a pesquisa também sofrerão um baque. “A mudança para o Fundão vai prejudicar ou, até mesmo, extinguir toda a estrutura de assistência, de ensino e de pesquisa do Instituto de Ginecologia”, alerta o vice-diretor Antonio Carneiro.

Nesta quarta-feira, a comissão formada para estudar a viabilidade da transferência, se reúne com o diretor do HU, Amâncio Paulino. Na oportunidade ele fará uma exposição das condições de infra-estrutura do HU para receber os institutos. Amâncio é defensor ferrenho da ideia. Mas do alto dos seus números e estatísticas a experiência, com certeza, é a voz da razão. Há 25 anos na UFRJ e 10 passados no HU, o vice-diretor Antonio Carneiro afirma: “O HU não tem condições de nos receber em condições ideais”. Carneiro ajudou a implementar o serviço de ginecologia no HU e lá realizou a



CARNEIRO - "Mudança para o Fundão compromete o ensino e a pesquisa"

Pioneirismo

O melhor conceito

O Instituto de Ginecologia, fundado em 1947, ocupa uma área de 3.500 metros quadrados no centro da cidade. O prédio foi doado pela família Moncorvo Filho para ser Hospital. Instalações simples mas eficientes. Nas pequenas salas, limpas e asseadas, o ambiente é cordial e tranquilo. São 13 laboratórios e ambulatórios especializados que ocupam 34 salas. “O HU não tem 34 salas para nos ceder com certeza. Lá a ginecologia ocupa seis salas para ambulatório”, revela Carneiro.

Como a maioria dos prédios da universidade, precisa de obras, mas seu estado de conservação é razoável se comparado a outras unidades. Funciona há mais de 50 anos. Suas atividades e seus méritos de instituição singular de pesquisas no campo da ginecologia o tornaram pioneiro no estabelecimento e divulgação de diagnóstico precoce do câncer do aparelho genital feminino.

“Foi o primeiro ambulatório que usou os dois métodos (colposcopia e citologia) em conjunto para exame preventivo do câncer do colo do útero no mundo em 1948”, informa Antonio Carneiro. O Insti-

tuto conquistou o melhor conceito entre especialistas e centros ginecológicos do país. Com mais de 100 profissionais, entre professores, médicos e técnico-administrativos, já formou cerca de 700 profissionais de pós-graduação que se espalham por todo o país.

Em termos de verba, convive com o déficit crônico das unidades de saúde promovido pelo repasse parcial do SUS. Dentre as diversas especialidades, tem como principais: câncer, mastologia (tratamento dos seios), reprodução humana, climatério (menopausa) e urologia ginecológica. Atende por dia cerca de 200 a 250 pacientes em média. A enfermaria reúne 42 leitos. Em relação aos equipamentos, Carneiro informa que existem aparelhos mais especializados. E finaliza: as mulheres preferem o Instituto e não o HU. “Aqui se atende rápido, sem burocracia e bem. Por ser uma estrutura menor é mais fácil de lidar”.

Uma das funcionárias mais antigas, a auxiliar administrativa Déia Oliveira, pergunta: “Como as pacientes irão se virar se o endereço mudar? Elas vêm de Santa Cruz, Itaguaí, de todo lugar. A gente até

Fotos: Niko



GINECOLOGIA - o Instituto, fundado em 1947, está instalado num prédio no Centro da cidade. A quem interessa a mudança?

Mudar para quê?*

1 - Desde o professor até ao funcionário mais simples existe a resistência a esta mudança.

2 - Se houver a transferência para o Fundão, o que vai ser dos pacientes? A maioria vem de fora e chega a pegar dinheiro emprestado para ir se tratar.

3 - Único hospital da universidade que tem radioterapia. A transferência prejudicará o serviço.

4 - Processo açodado pode acabar com a pesquisa e prejudicar o ensino. A transferência da sede do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia dificultará a integração com o * São as restrições levantadas no Institu-

o que elas dizem



“Comecei a me tratar aqui desde os 34 anos. Amo esse hospital. Eles me salvaram a vida, vinha de vários hospitais com hemorragia e anemia e só aqui descobriram o que eu tinha. Pelo amor de Deus, não tirem o Instituto daqui. Tem é que mandar é mais verba”.

Luiza Maria Alves, 40 anos, técnica de enfermagem, moradora de Cavalcanti.



“Aqui está melhor do que no Fundão. Lá é muito ruim. A atenção que nos dão é ótima. Temos que fazer um abaixo-assinado para pedir que não mudem o hospital de lugar”.

Sandria de Lima, 48, professora, moradora de São João de Meriti.

Entenda o caso

O debate sobre a estrutura e funcionamento das unidades de saúde da UFRJ surgiu a partir do momento em que foi tornado público o plano do reitor José Vilhena de transferir para o Hospital Universitário os institutos de Ginecologia, Neurologia e de Doenças do Tórax. A decisão, tomada arbitrariamente, provocou reação imediata no Conselho Universitário e nas comunidades das instituições envolvidas. Como ingrediente suplementar, mas não menos explosivo, surgiu um novo fator: para efetivar a transferência, Vilhena anunciou que iria utilizar uma verba de mais de R\$ 4 milhões

repassada pelo governo federal aos hospitais da universidade. Esse dinheiro foi obtido com um esforço exaustivo da direção das unidades de saúde e estava sendo batido desde 1996 junto aos ministérios da Saúde e da Educação para ser aplicado nas despesas de custeio dos hospitais. Pois o reitor resolveu pôr sua mão grande na verba para o seu obscuro plano de centralização de unidades no HU. As reações foram grandes e acabou resultando em audiências públicas na Assembléia Legislativa. Houve, ainda, manifestações de funcionários na Praia Vermelha contra a transferência do Instituto de Neurologia. O reitor fez um



ATENDIMENTO - uma média de 200 parcientes são atendidas diariamente no Instituto, que conta com treze laboratórios e ambulatórios especializados